

Índice

INTRODUÇÃO

A virilidade impossível	11
JEAN-JACQUES COURTINE	

Parte I

Origens, mutações, desconstruções da dominação masculina	17
---	----

Antropologias da virilidade: o medo da impotência	19
--	----

CLAUDINE HAROCHE

A DOMINAÇÃO MASCULINA INSIDIOSA	20
A VIRILIDADE FUSIONAL DAS FRATERNIDADES: RESTAURAR LAÇOS PRIMITIVOS	24
FAMÍLIA AUTORITÁRIA E APRENDIZAGEM DA POTÊNCIA VIRIL	28
ANTROPOLOGIA PSICANALÍTICA DA IMPOTÊNCIA	31

A virilidade face à medicina	35
-------------------------------------	----

ANNE CAROL

MASCULINIDADE, VIRILIDADE E POTÊNCIA SEXUAL: HERANÇAS E RENOVAÇÕES DO SABER MÉDICO	36
Do esperma às hormonas: uma virilidade graduável?	36
A genética da virilidade	42
A mecânica da erecção: sangue, fibras e nervos	44
A VIRILIDADE QUESTIONADA PELA SEXOLOGIA	48
Virilidade e sexologia: do psíquico ao social	48
Redefinição da norma e do desempenho viril?	54
A VIRILIDADE RESTAURADA	61
A tradição renovada: fortalecer, estimular, esticar	62
Opoterapia, enxertos de testículos e hormonoterapia	64
Imitar ou superar a natureza: o macho aparelhado, a máquina, o cirurgião	68
O tratamento químico da «disfunção eréctil»: das injeções à pílula da virilidade	71

Virilidades inquietas, virilidades violentas	77
---	----

FABRICE VIRGILI

VIOLÊNCIA E IDENTIDADE MASCULINA	78
---	----

A ORDEM VIRIL E A POSSIBILIDADE DA VIOLÊNCIA	80
Assegurar a fidelidade	80
O dinheiro, o álcool e a casa	83
Família, vizinhos, colegas, poderes públicos à porta de casa	86
AS VIOLÊNCIAS CONDENADAS DA DESORDEM VIRIL	89
Brutalidade e impotência sexual	90
A ruptura interdita	93
Destruir a feminilidade, destruir a mulher	94
Quando a França viril atacava as mulheres	96
DEFESAS E RESPOSTAS FEMININAS	97
A rejeição de toda a violência masculina dos anos de 1970 e inícios do século XXI	98
A violação é um crime	99
Persistência de formas violentas de dominação ou efeitos de uma masculinidade em mutação?	103
A virilidade no espelho das mulheres	107
CHRISTINE BARD	
A VIRILIDADE, OBJECTO DE DESEJO	108
Um desejo sexual: a exibição da «virilidade pura»	108
A «virilidade pura» no espelho das mulheres	109
Mulheres cúmplices	111
A virilidade como transcendência: a homenagem de Beauvoir	115
A VIRILIDADE REJEITADA	117
«Às lágrimas, cidadãs!»	117
Na frente da sexualidade «libertada»	121
Contra a vingança virilista	125
A VIRILIDADE CONQUISTADA PELAS «MULHERES»	128
Virilidade de mulheres de excepção	129
Da invertida à <i>butch</i>	132
<i>Pro-sex, queer e trans</i>	134
Disseminações viris?	137
Masculinidades e virilidades no mundo anglófono	141
CHRISTOPHER E. FORTH	
PENSAR AS MASCULINIDADES	142
FAZER A HISTÓRIA DAS MASCULINIDADES	148
O «FEMININO» NO HOMEM	155
«CRISES» E CONTINUIDADES	161

Parte II	
A fábrica da virilidade	167
Ninguém nasce viril, torna-se viril	169
ARNAUD BAUBÉROT	
O CREPÚSCULO DA VIRILIDADE TRADICIONAL	170
A família	171
Os grupos	174
Os movimentos juvenis	176
O ensino escolar	178
O trabalho, a caserna	182
O MODELO ABALADO	184
A família	185
A escola, o trabalho e a caserna	189
A cultura viril da juventude popular	192
A cultura viril das classes médias	193
Uma nova cultura da virilidade juvenil?	195
A virilidade contada aos jovens	197
PASCAL ORY	
O SISTEMA DA «VOZ DO DONO»	197
VALORES VIRIS	203
PERTURBAÇÕES, EVOLUÇÕES	207
Exércitos e guerras: uma brecha no centro do modelo viril?	213
STÉPHANE AUDOIN-ROUZEAU	
A HUMILHAÇÃO DO GUERREIRO	214
REINVENÇÕES	216
VIRILIDADE, SEXUALIDADE	220
RUMO A UMA FEMINIZAÇÃO DOS EXÉRCITOS?	225
LIMITES?	230
Virilidades desportivas	237
GEORGES VIGARELLO	
VIRILIDADE EVIDENTE, VIRILIDADE COMENTADA	239
A instalação «espontânea» de um corpo «viril»	240
A ideologização e as suas dinâmicas morais	241
Porquê «regenerar»?	243
Menos o «supermacho» que o «controlo»	246
VIRILIDADE SOBREFIRMADA, VIRILIDADE DESORDENADA	247
O universo totalitário e a virilidade sobreafirmada	248

O desporto «democrático» e o tema das diversidades	249
A prática feminina e as evidências contestadas	251
DA VIRILIDADE SEGURA À VIRILIDADE CONFUSA	253
O regime de igualdade e os seus efeitos	254
Virilidade «perigosa»?	258
O desporto, conservatório «viril»?	259
Virilidades criminosas?	263
DOMINIQUE KALIFA	
RETRATO DO HOMEM COMO CRIMINOSO	264
Fortes em músculos	265
A «cultura das aparências»	267
Conhecimentos e competências	268
A «mentalidade», uma questão de Homens	270
Estigmas	273
A FÁBRICA DE UM OLHAR	277
Criminosos ou populares?	279
Subculturas delinquentes?	281
Excluídos	285
Olhares de mulheres	287
Parte III	
Exemplos, modelos e antimodelos	291
Virilidade fascista	293
JOHANN CHAPOUTOT	
EXCLUIR	293
RESSUSCITAR	302
COMBATER	307
ROBUSTECER OS CORPOS, REFUNDAR A COMUNIDADE DOS HOMENS	311
CRIAR	315
Virilidade operária	319
THIERRY PILLON	
REPRESENTAÇÕES	319
Representar o operário da indústria	319
Figuras do socialismo: o homem novo	323
Disciplina política: o homem de ferro	326
VALORES OPERÁRIOS	329
«Aguentar»	330
Força e violências proletárias	331

ESGOTAMENTO DOS VALORES DA VIRILIDADE	334
Racionalização do trabalho e resistências viris	334
Mudanças sociológicas e técnicas, mutações da virilidade operária	337
Enclaves da virilidade	341
A virilidade ambígua do aventureiro	345
SYLVAIN VENAYRE	
UM NOVO MODELO: O AVENTUREIRO	346
UMA VIRILIDADE MODERNA?	354
PERSISTÊNCIA DOS MODELOS ANTIGOS	364
Mutações homossexuais	371
FLORENCE TAMAGNE	
INVERSÃO DE GÉNERO, ANDROGINIA, TRANSGÉNERO	373
VIRILIDADES HOMOSSEXUAIS	378
VIOLÊNCIAS E EXCLUSÕES	383
CASAMENTO, AMIZADES, SOCIABILIDADES	387
MASCULINIDADES PÓS-MODERNAS	391
Virilidades coloniais e pós-coloniais	397
CHRISTELLE TARAUD	
VIRILIDADE E «RAÇA» EM FRANÇA (1920-1950)	397
PROSTITUIÇÃO, SEXUALIDADE E VIRILIDADE DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL	401
REGRESSO AO IMPÉRIO: VIRILIDADE, COLONIZAÇÃO E NACIONALISMO	407
DO «TRABALHADOR DE FORÇA» À «ESCÓRIA DOS SUBÚRBIOS»:	
UMA VIRILIDADE «PERIGOSA» E IMAGINÁRIA (1960-2009)	416
Parte IV	
Imagens, miragens e fantasmas	423
Exibições: a virilidade posta a nu	425
BRUNO NASSIM ABOUDRAR	
ACADEMIAS	426
FISIONOMIAS	434
FALO E PÉNIS	444
Projecções: a virilidade no ecrã	453
ANTOINE DE BAECQUE	
EXIBIÇÕES VIRIS NO CINEMA DOS PRIMEIROS TEMPOS	456
VIRILIDADES LONGÍNQUAS	460

O WESTERNER: VIRILIDADE FEITA E DESFEITA	465
BEZAS REBELDES: A VIRILIDADE FACE À HISTÓRIA	470
AINDA SE RETESA, MAS TRISTEMENTE...	479
Matulão na civilização: mito viril e potência muscular	485
JEAN-JACQUES COURTINE	
CREPÚSCULOS DO PÊNIS?	485
CULTURAS DO SIMULACRO	487
ROMANCES DE APRENDIZAGEM, BUSCAS DE PATERNIDADE	491
PRÓTESES E ESTÍMULOS	492
OBSESSÕES VIRIS, ASSOMBRAÇÕES DA IMPOTÊNCIA	494
GENEALOGIAS: NO PRINCÍPIO ERA O MÚSCULO	497
VIRILIDADES FANTASMAS: DESDOBRAMENTOS, AVATARES	502
NOTAS	505
AUTORES	565

INTRODUÇÃO

A virilidade impossível

O que terá acontecido ao macho americano? Durante muito tempo, pareceu absolutamente confiante na sua virilidade, certo do seu papel de homem na sociedade, à vontade e seguro de si mesmo na percepção da sua identidade sexual. Hoje, os homens estão cada vez mais conscientes da virilidade não como um facto, mas como um problema. Os meios utilizados pelos Americanos para afirmarem a sua virilidade são incertos e obscuros. Na verdade, multiplicam-se os sinais que mostram que já nada funciona na concepção que o macho americano tem de si mesmo.¹

Arthur Schlesinger,
«The Crisis of American Masculinity»

Este diagnóstico formulado pelo historiador Arthur Schlesinger poderia muito bem ter sido escrito hoje. No entanto, já tem mais de 50 anos e, portanto, situa em meados do século xx o reconhecimento de uma grande crise na identidade e imagem do homem. O facto de ser americano é aqui secundário, pois é em todo o Ocidente que se exprimirá em breve, na viragem desses anos de 1960, teatro de tantas mutações na definição das identidades sexuais, um mal-estar na parte masculina da civilização.

A percepção da virilidade é uma questão essencial e um indicador crucial deste sentimento de crise na masculinidade. Isto não surpreenderá os leitores deste volume que estiveram atentos ao curso da história descrito pelos dois tomos que o antecederam. Terão visto a formação e a transformação, entre a antropologia e a história, de um «modelo arcaico dominante», para usar a expressão de François Héritier²: uma base antropológica de representações extremamente antigas, mas ainda presentes, que atribuem uma «valência diferencial» aos sexos e asseguram uma hegemonia do poder viril³ baseada num ideal de força física, de firmeza moral e de potência sexual.

Terão verificado que este domínio masculino não decorre de nenhum estado de natureza, mas que está profundamente inscrito no estado da cultura, da linguagem e das imagens, dos comportamentos que estas inspiram e ordenam: «a longevidade [destas estruturas] implica [a sua] transmissão eficaz»⁴, ou seja, uma transmissão das suas invariantes enquanto invariantes.

Por conseguinte, é nestes termos que se formula a questão da história da virilidade: todos os papéis sociais e sistemas de representações que definem o masculino e o feminino só podem reproduzir-se, idênticos a si mesmos, se a hegemonia viril parecer pertencer à ordem natural e inevitável das coisas. Escrever a história da virilidade é, pois, para falar como Pierre Bourdieu: «Tomar por objecto privilegiado os mecanismos e as instituições históricas que, ao longo da história, não pararam de arrancar esses invariantes à história.»⁵

O objectivo destes três volumes consiste, portanto, em retrazar a história de um apagamento da história. E é por isso que se trata aqui apenas de virilidade e não de masculinidade. É que, se quisermos fazer a história de estruturas inigualitárias, de origem arcaica, mas ainda presentes, cuja transmissão a longo prazo implica a transformação da história em natureza, só há um termo adequado, na nossa língua, ao objecto de tal projecto: é o termo «virilidade». Como este terceiro volume, dedicado aos anos de 1920-2010, permitirá estabelecer, a referência a uma história da masculinidade, dominante em particular na historiografia anglo-saxónica que a trouxe ao mundo⁶, surgiu aí apenas como consequência, complemento e prolongamento do projecto de história das mulheres, à qual devemos aqui prestar homenagem por não ter querido ficar solteira. Contudo, a história da virilidade não se confunde com a da masculinidade: «masculino» foi quase sempre apenas um termo gramatical. No século XIX e ainda na primeira metade do século XX, não se exortam os homens a serem «masculinos», mas sim «viris», homens, dizia-se, «verdadeiros»⁷... O facto de «masculino» ter vindo a suplantar «viril» é sinal de que, decididamente, qualquer coisa mudou no império do macho.

Mas estará a virilidade em crise? O século que terminou e o que agora começou parecem ser o teatro de uma crise endémica, com recaídas tão

frequentes que acaba por parecer ininterrupta e penetrar a esfera da dominação masculina, da guerra, da relação com o outro sexo, da potência sexual.

Desde o fim do século XIX, dos anos de 1870 à Primeira Guerra Mundial, que o espectro da desvirilização assombra as sociedades europeias: degenerescência das energias masculinas, perda da força, multiplicação das taras. A virilidade está em perigo e, com ela, a nação. Com a guerra, a sua militarização⁸ vai conhecer o apogeu trágico: a devastação dos corpos mina o mito militar- viril e inscreve a vulnerabilidade masculina no centro da cultura sensível. A Segunda Guerra Mundial e, depois, as últimas guerras coloniais farão equivaler o entusiasmo viril ao feito guerreiro e acabarão com a demanda heróica do sacrifício e da glória. Crise igualmente, na frente do trabalho, neste período entreguerras, que assiste à despossessão do trabalhador pelos progressos contínuos do maquinismo, à sua desqualificação pelo desemprego durante a depressão dos anos de 1930 e, de forma mais geral, àquilo que é sentido como a submersão das energias vitais pelo aumento dos conformismos e da burocracia na sociedade urbana de massas.

Tanto mais que a virilidade se vê confrontada, ao longo do século, com a contestação ao seu mais antigo privilégio pelo despertar e pelos progressos da igualdade dos sexos e os avanços do feminismo. A obtenção, pelas mulheres, de novos direitos a partir dos anos de 1960 e 1970, o reajustamento dos papéis sexuais na esfera pública e privada, a reprovação e condenação das formas de violência contra o outro sexo, tudo isto aviva as angústias masculinas: inquietam-se com a perda da autoridade paterna, temem os efeitos de uma «sociedade sem pais» entregue à onnipotência de mães dominadoras. De tal maneira que há um crescimento do domínio da impotência sexual, que – desde o início do século e da invenção da psicanálise e, mais tarde, da emergência da sexologia – deixou de ser assimilada a simples defeito mecânico, para acarretar uma falha psicológica em que toda a história do sujeito está agora implicada. A emancipação das mulheres e a liberalização dos costumes tiveram, a este respeito, efeitos paradoxais: a concorrência masculina aumentou com o desejo de satisfazer parceiras que têm o direito, como todos, ao orgasmo; a difusão maciça

da pornografia reforçou a obsessão eréctil, ao mesmo tempo que a hipermedicação das anomalias contribuiu para difundir, com o mercado das próteses mecânicas e químicas, uma cultura da impotência. Neste início do século XXI, a virilidade parece dissociar-se do corpo masculino do qual foi durante muito tempo o emblema, mercadoria, performance, travestismo ou paródia, como percebeu Judith Butler⁹.

Existe, portanto, um paradoxo da virilidade na época mais contemporânea: como compreender que uma representação baseada na força, na autoridade e no domínio tenha acabado por parecer frágil, instável e contestada? Este volume tenta responder a esta questão, confrontando, desde logo, esta avaliação com a realidade dos factos históricos: não podemos esquecer que o século XX foi o teatro de grandes fulgores viris – de que os totalitarismos constituíram o apogeu – no quadro daquilo a que George L. Mosse chamou a «brutalização» das sociedades pela guerra. E que o paradoxo a que nos referimos é o efeito de uma contradição entre o «modelo arcaico dominante» e o conjunto das transformações políticas, sociais e culturais que exigiram, ao longo do século, tanto para os homens como para as mulheres, uma redefinição das identidades sexuadas que dê lugar à igualdade e à partilha. Isto porque, na nossa actualidade, tudo indica que as formas tradicionais de dominação masculina e o seu séquito de violências comuns, se não desapareceram, encontram com menor frequência o abrigo dos silêncios complacentes e das indiferenças cúmplices.

Mais do que fazer do homem viril uma espécie em vias de extinção, tudo isto contribuiu para criar na identidade masculina uma instabilidade crónica. Assim, parece mais justo dizer que a virilidade entrou numa zona de turbulências culturais, num campo de incertezas, num período de mutação. E que, enfim, não admira que isto aconteça. Com efeito, o modelo assentava naturalmente no corpo, baseado, por um lado, numa imagem de força física e de potência sexual e, por outro, num ideal de autodomínio e de coragem. Ou seja, foi sempre acompanhado, como a sua face oculta, pelo medo da vulnerabilidade corporal, pela apreensão da falha sexual, pela sombra da falência moral. Pierre Bourdieu, assim o creio, compreendeu bem isto:

O privilégio masculino também é uma armadilha [...] que o dever impõe a cada homem de afirmar a sua virilidade em todas as circunstâncias [...]. A virilidade, entendida como capacidade reprodutiva, sexual e social, mas também como aptidão para o combate e para o exercício da violência, é antes de mais um encargo. [...] Tudo concorre assim para fazer do ideal de virilidade impossível o princípio de uma imensa vulnerabilidade.¹⁰

Será que os homens de hoje desejam carregar durante mais tempo este fardo milenar, ou quererão aliviar o peso, renunciando às suas vantagens? É à história da demanda contemporânea deste ideal impossível que se dedica o último volume deste estudo.

JEAN-JACQUES COURTINE